

Manual de escrita criativa¹

João de Mancelos

Cinco capítulos do livro

¹ Mancelos, João de. *Manual de escrita criativa*. Lisboa: Colibri, 1.ª ed., 2012; 2.ª ed. aumentada, 2015; 3.ª ed., 2020; 4.ª ed., 2021. 84 pp. ISBN: 978-989-689-229-6.

Como acender uma lâmpada

É frustrante. A folha em branco lembra um campo de gelo, onde nenhuma frase consegue germinar. Os papéis amachucados acumulam-se no cesto do lixo, cada um representando uma tentativa falhada para encetar um conto ou poema. O prazo de entrega do texto aproxima-se inexoravelmente. E o escritor rói o lápis, nervoso, enquanto os minutos passam, sem conseguir rabiscar nada de importante.

Conhece esta sensação? Você não é caso único: todos os grandes autores, mesmo os mais prolíferos, enfrentaram este problema, que pode durar horas ou anos. Felizmente, a generalidade conseguiu ultrapassar o célebre “bloqueio do escritor”, e deixou-nos dicas sobre como vencê-lo. O que fazer se a inspiração não vem? Como voltar a acender a lâmpada das ideias?

Costumo ensinar aos meus alunos de Escrita Criativa uma técnica simples e eficaz: em vez de redigir um conto, imagine que escreve uma carta a um amigo, a relatar o sucedido. Como a carta é sempre mais informal do que uma história, e como o destinatário não é um crítico, mas sim um companheiro, as ideias fluem com facilidade. Depois, pode transformar a carta num conto, burilando o estilo, acrescentando diálogos vivos e descrições pormenorizadas.

Quebre a sua rotina: se habitualmente escreve em casa, saia e transforme um banco de jardim no seu novo escritório. Se usa o computador, desligue-o, e vá ao sótão buscar a velha máquina de escrever. Costuma ouvir música clássica? Tente outros géneros, heavy metal! O cérebro humano está sempre atento às mudanças, por mais ténues, e estas podem gerar autênticas tempestades de ideias.

A luso-americana Katherine Vaz, autora de *Fado e Outras Histórias*, sugere uma técnica de autotortura: durante um dia inteiro o escritor não pode fazer rigorosamente nada: não toma banho, não passeia o caniche, não vê televisão. A única tarefa a que se pode entregar é — adivinhou! — escrever. A mente fica de tal forma farta da indolência que a imaginação se liberta, tarde ou cedo, e surgem as primeiras linhas de um texto. É arrasador para os nervos, mas funciona!

Já Ray Bradbury, autor de *Fahrenheit 451*, entre outros romances, e de centenas de contos, apresenta uma sugestão polémica para lidar com o bloqueio: escreva... pior. Depois, poderá retocar o texto, corrigir as passagens vergonhosas e conseguir, talvez, uma obra decente. O pressuposto deste método é simples: mais importante do que escrever é *rever*, pelo que até

à data da entrega do manuscrito é possível introduzir melhorias.

Se nem com estas técnicas o escritor aprendiz consegue resolver o problema, então lembre-se disto: a inspiração é apenas a faísca que acende a fogueira. Toda a escrita exige quatro etapas, longas e importantes: planeamento do enredo, pesquisa sobre o tema, primeiro rascunho e revisão. Como afirma Leonard Bernstein, “A inspiração é ótima quando acontece, mas o autor tem de desenvolver outras abordagens durante o restante tempo. Esperar não é uma opção”.

Fisgar o leitor

No metro de Nova Iorque, sentou-se em frente a mim um jovem que vestia uma camisola onde estavam escritas as primeiras linhas de *História de Duas Cidades*, o célebre romance de Charles Dickens: “Eram os melhores tempos, eram os piores tempos; a idade da sensatez e da loucura; a era da fé e da descrença; o Século das Luzes e a Idade das Trevas; a Primavera da esperança e o Inverno do desespero”, etc. É um princípio fabuloso, que inúmeros fãs conhecem de cor, e que o meu companheiro de viagem exibiu com orgulho.

Os romanos chamavam *incipit* ao parágrafo de abertura de um texto; na gíria da Escrita Criativa, este é simplesmente conhecido por “anzol”. Faz sentido: um bom escritor deve saber “fisgar” o seu público através de um princípio cativante, que convide à leitura integral do texto. Frank Herbert, autor de *Duna*, afirmava que “o início é o momento mais delicado”. Não é simples criar uma frase que soe bem e atraia logo à partida. Porém, o escritor aprendiz pode desdramatizar a dificuldade dessa etapa da escrita, aprendendo algumas técnicas com os grandes mestres.

A forma mais básica de “fisgar” o leitor é surpreendê-lo ou, melhor ainda, chocá-lo. Franz Kafka, na novela *A Metamorfose*, consegue exatamente isso, em escassas palavras: “Uma manhã, ao acordar de sonhos inquietos, Gregor Samsa viu-se transformado num gigantesco inseto”. É um princípio curto e tão eficaz quanto um mergulho nas águas gélidas do Ártico. Se escrever um conto de terror ou policial, este tipo de abordagem garante a continuação da leitura, porque espicaça a curiosidade, através do suspense.

Já uma história centrada numa personagem requer um início diferente. Foque um aspeto curioso do protagonista, algo que o distinga da generalidade das pessoas de papel e tinta. Vale tudo: uma mania esquisita, uma profissão invulgar, um passado sombrio. No conto “Homero”, Sophia Andresen descreve o Búzio, um velho que simboliza a liberdade e a poesia: “Quando eu era pequena, passava às vezes pela praia um velho louco e vagabundo a quem chamavam o Búzio. O Búzio era como um monumento manuelino: tudo nele lembrava coisas marítimas. A barba branca e ondulada era igual a uma onda de espuma”. É um início perfeito: as frases são curtas e ritmadas, e a comparação do velho a um monumento é prodigiosa.

O que não deve fazer: evite começar um conto com uma descrição extensa e bocejante de uma paisagem bucólica. A menos que o leitor seja um botânico, ninguém quer saber se as rosas da Miss Fairfax desabrocharam mais cedo este ano. Porque um conto é uma narrativa

breve, quanto mais cedo mergulhar na ação, sem empatar, melhor.

Um último conselho: gaste tempo com a elaboração do início da sua história, ponderando cuidadosamente as várias alternativas possíveis. Afinal, como afirma a escritora Jenny Newman: “Qualquer parágrafo que estimule o interesse do leitor constitui um êxito; qualquer um que não o faça é um completo falhanço”.

Como montar uma bomba-relógio

Conseguirá McGyver desativar a bomba nos poucos segundos que lhe restam, ou será reduzido a pó? Irá Robinson Crusoe escapar ao apetite insaciável dos canibais? Haverá um futuro cor de rosa para Elizabeth e Mr. Darcy, ou serão para sempre afastados pelo orgulho e preconceito? Quer se trate de um *thriller* ou de uma história romântica, o suspense encontra-se em toda e qualquer narrativa e sem ele não existirá, verdadeiramente, um enredo.

No decurso da história, o leitor aguarda, de coração nas mãos, torcendo para que o herói ou heroína supere todos os obstáculos e provas. Por vezes, incapaz de resistir à ansiedade, até faz batota e salta algumas páginas, para vislumbrar o desenlace do enredo. É compreensível, pois o suspense gera no leitor o mesmo efeito de uma bomba-relógio prestes a explodir: o coração bate depressa, o ritmo da respiração aumenta e o nível de adrenalina dispara.

Existem inúmeras estratégias para enervar o leitor, e romancistas como Agatha Christie, John Le Carré ou João Aguiar dominaram-nas perfeitamente. Se é um escritor aprendiz, recomendo-lhe a “técnica da escada”, a forma mais básica para criar suspense. Imagine o enredo da sua história como uma escada que o protagonista deverá subir, pouco a pouco, ao longo da aventura. Cada degrau representa um desafio a enfrentar: quando o herói ultrapassa um, surge-lhe outro, mais elevado, correspondendo a uma dificuldade maior. O cimo da escada é o clímax, ou seja, o ponto alto da ação. É quando ocorre o duelo de vida ou de morte entre o guerreiro e o dragão, ou o momento em que o camponês confessa o seu amor à princesa, receoso de não ser correspondido. Numa narrativa bem estruturada, o suspense vai aumentando, pouco a pouco e, com ele, o sofrimento tanto do herói como do leitor, até à vitória final.

Ao planificar a história, tenha em conta dois conselhos, para não tropeçar na escada do suspense. Primeiro, nunca coloque uma dificuldade menor a seguir a uma maior, ou interromperá o crescendo da tensão com um anticlímax. Seria como um desagradável esguicho de água gelada, durante um duche quente. Segundo, evite criar demasiados obstáculos no enredo, pois a ansiedade, em excesso, também maça o leitor. Este pode até julgar que o protagonista carece da inteligência e coragem necessárias para levar a cabo, com êxito, a missão.

Num livro sugestivamente intitulado *The Neurotics Notebook*, de Mignon McLaughlin, o autor argumenta: “Até os covardes conseguem suportar a dureza. Mas apenas os bravos aguentam o suspense”. Incerteza, ansiedade, terror. Na vida real, temos esses sentimentos,

é certo, mas na ficção alimentamo-nos deles com gosto e pedimos mais. Porquê? Talvez ler romances de ação constitua um exorcismo dos nossos próprios medos, ou uma forma de aprender a solucionar problemas, com a ajuda das personagens que admiramos. Afinal, no fantástico mundo das letras, todos somos heróis e cada página é uma aventura.

Veja lá como fala!

Os romancistas do século XIX consideravam o diálogo uma forma inferior de escrita, própria da literatura popular, preferindo exibir o seu talento através de extensas descrições e retratos psicológicos das personagens. O resultado era, por vezes, um livro tão bocejante que podia concorrer com os mais poderosos soporíferos.

Felizmente, os autores contemporâneos verificaram que um diálogo bem engendrado concede vivacidade e ritmo ao texto. Faça uma experiência: tire da estante um romance escrito nos últimos vinte anos e folheie-o, prestando atenção à mancha tipográfica. Aposto que metade desse livro é diálogo. Não se trata de um estratagem para preencher papel! Na ficção, uma boa conversa cumpre várias funções importantes: mostra o estado de espírito da personagem naquele momento; revela intrigas e projetos; gera suspense, quando ocorre entre personagens com opiniões opostas, etc.

Neste contexto, é imprescindível ensinar as suas personagens a falar com naturalidade. Para tanto, há que treinar o ouvido: o escritor aprendiz deve escutar, discretamente, as conversas alheias, captando os tiques próprios de um diálogo do quotidiano. Hoje, à hora do jantar, saia pé ante pé do seu apartamento, e encoste a orelha à porta da vizinha. Num caderno de notas, registre termos típicos da linguagem corrente, como “ouve lá”, “não é?”, “que tal?”, “pá”, “mmm”, “pronto!”, “sei lá”, “ora bolas!”. Ao examinar a lista, verificará que uma conversa real inclui vocabulário simples, interjeições e até asneiras capazes de surpreender o papagaio mais malcriado. Recorra a estes elementos para conceder verosimilhança à troca de palavras entre as suas personagens.

Outra estratégia para gerar um diálogo vívido consiste em não atribuir mais de vinte e cinco palavras a cada fala. Se uma personagem palrar durante uma dezena de linhas, por exemplo, tal não é realista, maça o leitor e desacelera o enredo. Uma dica: interrompa as falas mais extensas com perguntas ou comentários do interlocutor. Sugiro expressões como “tens a certeza disso?”, “vá, conta-me mais”, “a sério?”, “não me digas!”. Outra hipótese consiste em referir gestos da personagem, que denunciem o seu estado de espírito: “tamborilou nervosamente na mesa” ou “desviou o olhar, embaraçado”.

Por fim, recomendo-lhe cautela no uso de expressões atributivas tão bafientas e formais que soam ridículas na atualidade. Por exemplo, substitua “inquiriu” por “perguntou”; “retorquiu” por “respondeu”; “arrazoou” por “disse”; “aquietou” por “concordou”;

“rumorejou” por “sussurrou”. Palavras invulgares desviam a atenção do leitor do que é dito para a forma como é dito, e assim quebram a fluidez do diálogo.

Em suma, se o aprendiz redigir uma conversa credível, o leitor “escutará” as personagens com a sua pronúncia, tiques e manias, e aderirá facilmente ao enredo. Porque, como disse a professora de Escrita Criativa Melissa Donovan, “Falar é de graça, mas um diálogo bem feito vale milhões”.

Os Dez Mandamentos do Escritor

Primeiro. Amarás a Literatura acima dos interesses comerciais, da sedução das tabelas de venda e da popularidade. Mesmo que isso signifique viver incógnito e ser reconhecido apenas depois da morte, como sucedeu a John Keats, Emily Dickinson ou Fernando Pessoa, entre tantos outros.

Segundo. Não tomarás o santo nome de escritor em vão. Entrega-te à arte de corpo e alma, assumindo-te como autor, ainda que apenas perante a família e os amigos. A escrita é um dom registado no teu ADN, personalidade e sonhos. Não podes escapar a esse destino, belo ou trágico, mas sempre único.

Terceiro. Trabalharás aos Domingos, às festas de guarda, e não conhecerás férias. Numerosos autores sacudiram a fadiga, depois de uma jornada extenuante no emprego, e dedicaram-se ao vício secreto da escrita. Por exemplo, Zora Neale Hurston, criadora do clássico *Os Seus Olhos Contemplavam Deus*, limpava casas de banho durante o dia, para poder escrever noite dentro.

Quarto. Honrarás os teus pais e mães, isto é, os homens e mulheres de letras que te influenciaram, aceitando que na arte “do nada nada vem”. O escritor é uma gralha, que recolhe inspiração e ideias aqui e além, para construir esse ninho que é o texto. Todos os materiais cintilantes lhe servem: os livros, os filmes, os quadros e, claro, a vida.

Quinto. Não matarás os teus sonhos, nem desistirás de projetos quixotescos. A escrita requer persistência, mesmo nos piores momentos, quando os editores rejeitam um original ou os críticos zurzem o teu livro mais amado. Como afirmou Richard Bach, “um escritor profissional é apenas um amador que não desistiu”.

Sexto. Pecarás contra a castidade da folha em branco. Rasgarás centenas de páginas, rabiscarás blocos inteiros, escreverás no verso de guardanapos, como J. K. Rowling, a autora da saga Harry Potter. E nunca te sentirás inibido nem impotente perante uma folha limpa, pois guardas em ti o potencial imenso da imaginação.

Sétimo. Não plagiarás. A cópia constitui um crime punível pela lei, que arruinaria a tua reputação perante a comunidade literária de críticos, leitores e casas editoriais.

Oitavo. Não levantarás falsos testemunhos, não entrarás em polémicas inúteis, não sentirás inveja! Contudo, pugnarás pelas tuas causas políticas e éticas, usando a palavra como arma. Grandes escritores mudaram o curso da História, graças à coragem das suas obras. Por

exemplo, Harriet Beecher Stowe, autora do romance *A Cabana do Pai Tomás*, expôs a desumanidade da escravatura nas plantações de algodão e tabaco norte-americanas. Na sequência dessa denúncia, ocorreu a Guerra da Secessão, que opôs os estados do norte aos esclavagistas do sul, e conduziu à liberdade quatro milhões de negros.

Nono. Não desejarás a musa, ninfa ou fauno de nenhum outro escritor.

Décimo. Não cobiçarás nunca os escritos alheios. O estilo tem de ser o teu, pois mais vale um mau original do que uma boa imitação. Ambiciona seres tu e, como dizia o poeta Miguel Torga, “de nenhum fruto queiras só metade”.

Bibliografia

- Bell, Julia, and Paul Magrs, eds. *The Creative Writing Coursebook*. Oxford: Macmillan, 2001.
- Belloto, Sonia. *Como escrever um livro*. Lisboa: Texto Editores, 2005.
- Birch, Kathy. *Awaken the Writer Within*. Oxford: Howtobooks, 2002.
- Carmelo, Luís. *Manual de escrita criativa* (2 vols.). Lisboa: Europa-América, 2005.
- Cox, Ailsa. *Writing Short Stories*. London: Routledge, 2005.
- Goldberg, Natalie. *Writing Down the Bones: Feeling the Writer Within*. Boston: Shambhala, 2005.
- King, Stephen. *Escrever: Memórias de um ofício*. Lisboa: Temas e Debates, 2001.
- Lodge, David. *The Art of Fiction*. London: Penguin, 1992.
- Mancelos, João de. *Introdução à escrita criativa*. Lisboa: Colibri, 5.ª ed. 2017.
- Mills, Paul. *Writing in Action*. London: Routledge, 2003.
- Morley, David. *The Cambridge Introduction to Creative Writing*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mueller, Lavonne, and Jerry Reynolds. *Creative Writing*. Lincolnwood: National Textbook, 1990.
- Newman, Jenny, Edmund Cusick, and Aileen La Tourette, eds. *The Writer's Workbook*. London: Arnold, 2004.
- Oates, Joyce Carol. *A fé de um escritor: vida, técnica, arte*. Lisboa: Casa das Letras, 2008.
- Oliver, Marina. *Write and Sell your Novel*. Oxford: Howtobooks, 2004.
- Pack, Robert, and Jay Parini, eds. *Writers on Writing*. Hanover: University Press of New England, 1991.
- Prose, Francine. *Ler como um escritor*. Lisboa: Casa das Letras, 2007.
- Rekulak, Jason. *The Writer's Block: 786 Ideas to Jump-start your Imagination*. Philadelphia: Running Press Books, 2001.
- Saraiva, Arnaldo. *O livro dos títulos (à falta de melhor título)*. Porto: Foco, 1992.
- Singleton, John, and Mary Luckhurst. *The Creative Writing Handbook*. New York: Palgrave, 2000.
- Stein, Sol. *Solutions for Writers*. London: Souvenir Press, 2003.
- Timbal-Duclaux, Louis. *Eu escrevo contos e novelas*. Lisboa: Pergaminho, 1997.
- . *Eu Escrevo o meu primeiro romance*. Lisboa: Pergaminho, 1987.
- Watts, Nigel. *Como escrever um romance e conseguir publicá-lo*. Sintra: Atena, 2000.
- Wood, James. *A mecânica da ficção*. Lisboa: Quetzal, 2010.

Sinopse

Tem talento para as letras, mas faltam-lhe as técnicas e os exercícios para o desenvolver? Não dispõe de tempo ou paciência para frequentar oficinas de escrita criativa? Então, este livro bem-humorado e prático é para si. Nele, João de Mancelos explica as técnicas fundamentais para escrever um conto, novela ou romance. Propõe ainda alguns exercícios úteis e divertidos, que pode fazer individualmente ou em grupo. Aprenda a recolher ideias, desbloquear a inspiração, gerar suspense, construir uma personagem irresistível, criar uma atmosfera mágica, e muito mais! *Manual de Escrita Criativa* constitui o livro ideal para autores aprendizes, amantes da leitura, jornalistas, publicitários e formadores de Escrita Criativa.